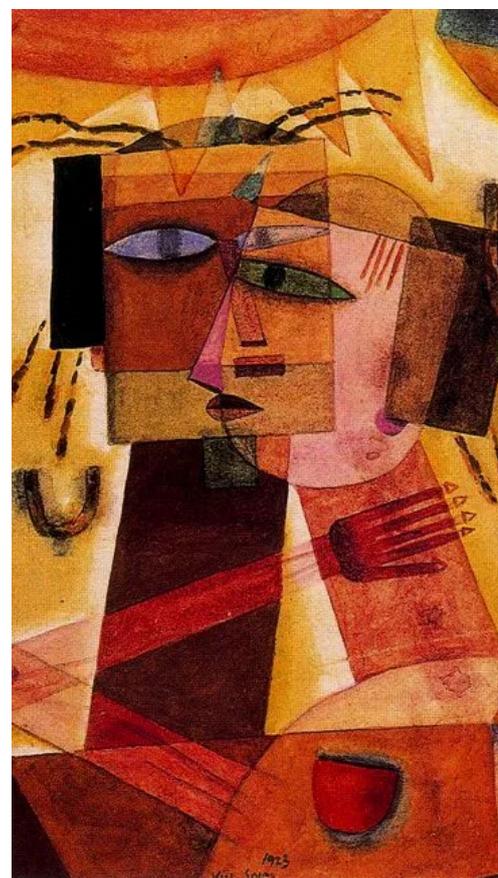
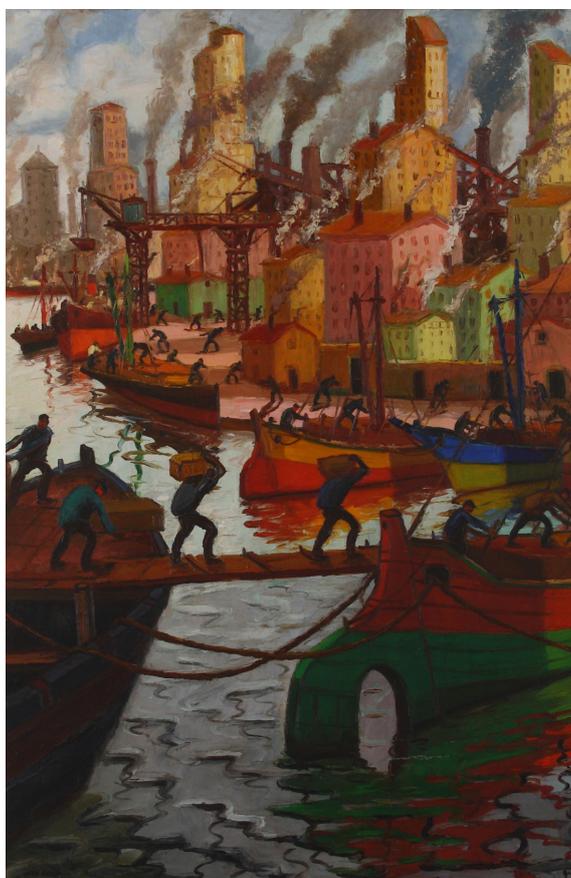


GAZETA

SAGRADO

UM JORNAL FEITO POR ALUNOS



AMÉRICA LATINA

SUMÁRIO

- Editorial - **2**
- A importância dos nossos - **3/6**
- Café Filosófico - **7/8**
- Luz no Fim do Túnel - **9**
- Saúde Mental - **10/11**
- Tour: Havana - **12/13**
- Plantão Gazeta - **14**
- Dicas Culturais - **15**
- Curiosidades do Cerrado - **16**
- Laços - **16**
- Equipe - **17**



EDITORIAL

***Pelos editores Ana Clara Almeida
e Alexandre Magnani***

“Educar é semear com sabedoria e colher com paciência”, afirma o psiquiatra e escritor brasileiro, Augusto Cury, e aqui está, talvez, um dos frutos mais doces do incentivo e autonomia dados à nós estudantes. O gosto pela arte de externar, mediante escrita, meditações e ações do hoje nos levou a elaboração da primeira edição do Gazeta Sagrado 2021.

Nós, alunos do Ensino Médio e Ensino Fundamental - Anos Finais, dispusemo-nos a colocar, por meio de palavras, as intervenções mais criativas e sinceras sobre a realidade atual. Há, aqui, também, um desejo de incentivar uma leitura dinâmica e de fatos reais que possam provocar uma sensação de pertencimento e levante, como resposta aos episódios então aludidos.

Por aqui você encontrará dicas culturais e seguras de entretenimento, irá conhecer um pouco mais sobre os projetos desenvolvidos dentro do Colégio Sagrado Coração de Maria durante o primeiro semestre do ano, curiosidades magníficas sobre o Cerrado brasileiro e, ainda, notícias internacionais. Com uma “luz no fim do túnel”, você poderá se debruçar sobre um escrito original e que carrega em si uma carga individual e única, mas que ao ser compartilhada, torna-se referência e incentivo às curiosidades e investigações.

Esperamos que a leitura do jornal seja prazerosa e que você, aí de casa, possa ser fisgado e instigado a repensar o seu papel de mudança para o segundo semestre de um ano no qual a esperança por dias melhores tem sido nutrida, principalmente, com a vacinação da população contra um vírus, que durante o ano de 2020, alastrou o medo e arrebatou a leveza do contato físico humano.

*Desde já, agradecemos o incentivo e desejamos uma
boa e inspirada leitura! Até a próxima edição!*

NUUESTRA LATINOAMÉRICA

POLÍTICA Y POÉTICA

Por Nathália A. B. Pardaui

É estranho como pouco nos conhecemos. Parece que tudo o que nos pertence foge por entre nossos próprios dedos e repentinamente, como se arrancados de um transe inconsciente e sem rastros, esquecemos quem somos. Assim como num mapa-múndi, o norte do globo é alargado, e faz nossa grandeza sulista tornar-se pequenez. Esmagados e enxutos, desde os princípios. Eles, com seus artifícios e armas, sua religião e riqueza inventada, ergueram-se nas costas da nossa exploração enquanto deixaram-nos o nome de bárbaros. Explorados e colonizados nós permanecemos.

Com seu poder, estrangeiro e imaterial, eles deram-se como normais e como norma, e com seu tal avanço justificaram a exploração dos povos do sul para tirá-los do tal atraso. Hoje, ainda com seu poder estrangeiro e imaterial, e seu tal desenvolvimento, praticam seu domínio e influência nas nossas terras para manter-nos subdesenvolvidos, dependentes, assim como sempre fomos desde que tomaram nosso território e, com mãos ensanguentadas pelo assassinato de nossos indígenas, chamaram-nos de colônia.

O curioso é que, entre monarquia e república, entre ditadura e democracia, o país permaneceu praticamente idêntico, e mesmo o sendo, ainda pouco o conhecemos, pouco o entendemos, e mal sabemos como chegamos aqui. Ainda somos um país de forte e evidente supremacia branca, que se demonstra no racismo cruel e cotidiano da vida social, que nega os direitos dos povos originários e a demarcação de suas terras, que existe em excruciante discrepância social e em que as classes dominantes são latifundiárias que, com sua influência, elegem parte majoritária do Congresso. Mais de quinhentos anos permanecendo os mesmos e ainda não conseguimos delinear os as e os bês da nossa existência.

Ser latino-americano é uma tarefa complexa, e estudar-nos é de um dinamismo igualmente complicado, ao passo que nada aqui acontece por um motivo só, e requer reconhecer que batalhamos não só adversários externos como internos, e é preciso que de ambos nos alijemos para que as palavras de ordem de Pedro I sobre independência valham alguma coisa fora do papel constitucional. Ademais, é uma tarefa premente, já que não mais podemos tolerar o título de dominados da história. Precisamos, portanto, nos lembrar da *importância dos nossos*.

É estranho como nossa identidade some. Negaram a cultura indígena milenar quando aqui puseram suas caravelas. Os forçaram seus costumes, seus valores, sua religiosidade e permaneceram se impondo tanto que hoje comungam de seus ideais todos os cantos do mundo, remodelados na globalização por sua dominância imarcescível por séculos e séculos. Falamos suas línguas, lemos seus livros, assistimos a seus filmes, escutamos suas músicas e comemos sua comida. O Brasil, o bastardo da América Latina, mais fala inglês do que espanhol, mesmo que sejam ambas línguas metropolitanas.

Como bons colonizados, aplaudimos suas vitórias sangrentas, seu tal progresso, e aceitamos e consumimos tudo por eles produzido. Como bons colonizados, apreciamos admirados suas sociedades “igualitárias”, “sustentáveis”, “democráticas”, que só existem porque nos mataram, roubaram-nos e extorquiram-nos, todos os povos do sul, durante anos intermináveis até que pudessem triunfar e, em sua glória mórbida, chamar-nos de atrasados. E simultaneamente a seu poderio constante por meios econômicos e militares, mantêm-nos dependentes por sua hegemonia cultural.

Eles ganharam a história. Os vemos como heróis de todas as guerras, detentores de todo conhecimento, distribuidores da democracia, da segurança, das inovações, da arte e do entretenimento - e é exatamente isso que eles ensinam a suas próprias crianças, para que mantenham a reputação de protagonistas primordiais e defendam sua nação com veemência, céticos a respeito de seu passado e presente pestilento e vil. E ganharam-na de um jeito tal que nós estudamos a sua muito mais do que a nossa, e muito menos a de nossos irmãos latinos, que nos é apresentada como uma vírgula. A história como é contada sempre nos fez admirar os que moram a nordeste do Atlântico, tornando vilões todos os outros, inclusive nós mesmos. Eles detêm todas as áreas como herança de sua predominância, já que alcançaram coerção e consenso totais, forçando-nos a viver a seus modos, amar seus amores, odiar seus horrores e deixar que nos apaguem, nos comprem, nos usem, e nos convençam de que é justo que nos façam essas atrocidades.

Perdoe-me se estas palavras causarem-te um susto tremendo, leitor, mas preciso dizer-lhe: eles são nossos inimigos. Não estão e nunca estiveram interessados por nosso bem, por nossa independência, por nossas vidas. Não é novidade que, quando nós, latinos, conseguimos eleger um representante que não se ajoelha aos imperialistas do norte, bancam golpes de Estado ou matam eles mesmos nossos líderes. O poder coercivo que têm em suas mãos é de um poder fortíssimo, que lhes permite praticar bloqueios econômicos criminosos e duradouros (para então exclamarem sobre as más condições de vida no país que articularam para quebrar) e manter uma fama de caridosos, de justos, de países de bondade incalculável e heroísmo imbatível por meio de todos os tipos de propaganda possíveis. Como já cantava o Calle 13, *“Y la gente sigue desinformada/ Una noticia mal contada es un asalto a mano armada”*. Seu imperialismo, por intermédio de sua indústria racista e xenofóbica, faz-nos “sub-pessoas”, de uma sub-América colonizada e sem poder, que neles acredita, cega, já que a tudo já contaminaram - ó, o poder da propaganda, mantendo falsos heróis. Roubaram-nos até o direito de sermos americanos.

E não raramente articulam discursos finórios de apoio à paz nos países em que se guerreia com suas armas e seu financiamento, enquanto fecham suas fronteiras para os imigrantes em busca de vida segura. Vendem sua imagem como bons e, ao extorquir nossos países, faz nossa gente desesperada tentar, na terra deles, buscar uma vida melhor, mas a miséria do outro lado dos muros impenetráveis é exatamente idêntica para o povo trabalhador. No nosso estado de colônia, vendemos o minério e compramos a placa de ferro. Não temos soberania nacional nem povo soberano, somente uma terra arrasada, roubada dos povos originários, que produz muita comida para o comércio exterior enquanto o povo passa fome, que se submete sem fim aos artifícios coloniais impregnados em todos os cantos. Um país que desvaloriza a própria cultura porque só o estrangeiro importa.

Música é Bach e Beatles, teatro é Shakespeare, prosa é Dickens, romance é Austen, poesia é Whitman, cinema é Scorsese, pintura é Da Vinci, notícia e veracidade é BBC e Times, modernidade é Nova Iorque, revolução é francesa. Como se nada feito por nossas mãos valesse de alguma coisa, como se nem existisse. E é tão pesaroso clamar por independência cultural, hegemonia local, quando a população ainda é analfabeta, a educação não é acessível, o ensino superior é sucateado, a mídia é comprada e a arte permanece longe de nós por tantos motivos diferentes. Ó, quem dera renassem em nosso solo Neruda e Cecília, Kahlo e Belkis Ayón, Gabo e Pagu, Rulfo e Allende, Galeano e Amado, Glauber Rocha e Suassuna. Quem dera cada criança tivesse um violão, um piano, um tambor. Quem dera tivessem acesso a livros inúmeros, e caderno e caneta para anotarem suas próprias rimas. Quem dera tivessem acesso a cinemas e peças, a galerias e exposições. Quem dera nossos artistas pudessem viver de arte. Quem dera nossos indígenas tivessem suas terras asseguradas, e sua cultura riquíssima, protegida e respeitada. Quem dera nossa arte morasse em cada esquina e dentro de nós.

A ideia original deste texto me veio, há muito, de uma sensação repentina de falta. Faltava-me conhecimento sobre o meu próprio continente, faltava-me entendimento sobre o passado e o presente, faltava-me o apreço de prosa que não fosse gringa, faltava-me saber o nome dos nossos próprios artistas. Consumir sempre aquilo produzido pelos “vencedores do mundo” fazia-me sentir estrangeira. Vejo nossas instituições serem vendidas a países nortistas e justificarem a venda como se fosse a única solução a tomar, como se nada nacional fosse bom. Vejo nossas florestas serem entregues a eles para que a explorem e estudem enquanto nosso setor de pesquisa científica não recebe investimento. Vejo nossas matérias-primas serem roubadas para que eles criem produtos “sustentáveis” e sejam mais uma vez admirados por seu tal desenvolvimento, sua bondade intocável. Vejo nossa produção cultural ficar em segunda mão e sermos preenchidos com arte que não é nossa enquanto os investimentos culturais do país estão congelados por anos. Faltava-me compreender o porquê de permanecermos tão subservientes, subjugados aos quereres de antigas metrópoles, sustentando a economia com os produtos plantados desde a instituição colonial.

E eu gostaria que fosse fácil, leitor. Gostaria que pudéssemos simplesmente escolher não mais sermos colônia. Gostaria que pudéssemos simplesmente escolher consumir nossa própria produção cultural, mas esse problema é muito mais denso, é muito mais profundo do que a origem da melodia que sai dos fones de ouvido ou das palavras impressas nas folhas de um livro. A nossa mentalidade de colonizados precisa ser eliminada. Temos que questionar e compreender porquê tudo o que domina, tudo o que vende, “tudo o que presta” é deles - é porque nos convenceram que assim era, e nós há muito tempo temos dito “que assim seja”.

Vê, leitor, que o problema de modo algum será escutar música eletrônica norueguesa ou *synthpop* alemão, ou beber chá inglês e comer pastel de belém, ou assistir a *La Jour Se Lève* ou às produções de Dario Argento, ou encantar-se com a literatura primorosa de Camões ou Woolf. Este texto jamais será uma proibição aos prazeres artísticos mundo afora. A questão que apresento é muito mais profunda, que mora em tugúrios por vezes tão inacessíveis ou naturalizados que devem ser trazidos à luz com a minúcia de introduções inacabáveis. O problema é permanecermos vivendo de maneira tão colonizada, e tão convencidos pelos dominadores do mundo, que acreditamos não valer nada, não fazer nada bom, não ter nada do que se orgulhar, tão colonizados que não apoiamos nossas faculdades públicas “porque não prestam”, nossa pesquisa científica “porque não presta”, nossa produção artística “porque não presta”.

É por isso que não podemos deixar que eles nos dominem nem por um segundo mais. Não podemos deixar que sejamos vendidos e entregues nas mãos de nossas antigas metrópoles, e mais e mais estufados com uma vida estrangeira e manufaturada. Essa é a importância dos nossos: quando nos conhecemos e nos reconhecemos, tomamos um passo adiante em não permitir que continuemos colônia, e na comunhão com aqueles que jorram de nosso mesmo sangue, de nosso continente de veias abertas, e que batalham nas nossas mesmas trincheiras, encontramos a força que incita a mudança em nosso próprio nome.

Mercedez Sosa já enunciava: *Hermano, dame tu mano. Vamos juntos a buscar una cosa pequeña que se llama libertad.* É preciso união nesta hora, em que percebemos o que nos foi roubado e guerreamos para tê-lo de volta. Reconheçamos que nossos aliados, nossos amigos e irmãos, são conterrâneos, nenhum oceano nos separa. Aqueles dois últimos anglo-saxônicos que sejam esquecidos, basta de seu domínio! Lutemos por nós, conheçamos a nós, admiremos a nós. Escutemos e entumeçamos nossas próprias vozes, engajemo-nos em nossas próprias e atuais lutas. Não há tempo a perder. Não há tempo de ter medo. Há somente a garra da luta ao lado de nossos iguais. Nosso norte há de ser o sul.

A importância dos nossos é perceber que não somos perdedores, e que eles não são heróis. É estudar a nossa história com profundidade e responsabilidade, é ler nossos livros, os clássicos e os contemporâneos, apoiar os pequenos produtores rurais e seu plantio de espécies endêmicas e orgânicas, cantar nossas músicas, assistir aos nossos filmes, é fortalecer nossa cultura em versos poéticos, acordes musicais, pinceladas insólitas, em toda nossa arte. Que vejamos a beleza nas nossas próprias palavras, movimentos, ritmos, cenas, na nossa identidade. Mas muito mais que isso, que lutemos pela permanência de nossa cultura indígena, por suas terras, seus direitos, sua vida. Que lutemos pela vida do nosso povo preto, pardo, amarelo, pobre, trabalhador, todos os marginalizados do nosso continente que exala em maravilhas tão unicamente latinas.

Não é um clamor por um patriotismo exclusivo, devemos apreciar tudo o que é bom, mas um pedido por saber do que é nosso. Porque eles já dominaram demais, dominam tudo, e nós temos de ser e lutar pelo nosso. Independência e liberdade, política e cultural, nunca deram e nunca hão de dar-se nas palavras de um monarca, e sim no suor da luta conjunta que, incansável, expulsa os que oprimem para finalmente trabalhar em prol de nossa própria paz. A máxima deve ser encontrar a nós mesmos ao enxergar as mesmas chagas em nossos iguais, e juntos, libertarmo-nos de todas as amarras.

Ó, leitor, é impossível neste lugar falar de arte, e nos livrar de um pensamento colonial que nos apaga e desvaloriza, sem falar de soberania. E a soberania há de ser nossa. Libertados das antigas metrópoles e unidos aos nossos verdadeiros irmãos, proclamaremos finalmente a independência nesta nossa esplendorosa terra emersa tropical e latino-americana.

***Se eles são por eles, sejamos nós por nós.
Paz entre nós. Hasta la victoria.***

CAFÉ FILOSÓFICO

Por Ana Clara Almeida Rodrigues
Fotografia de Ágatha Arentz Bandeira
Ilustração de Lara Guimarães Reis



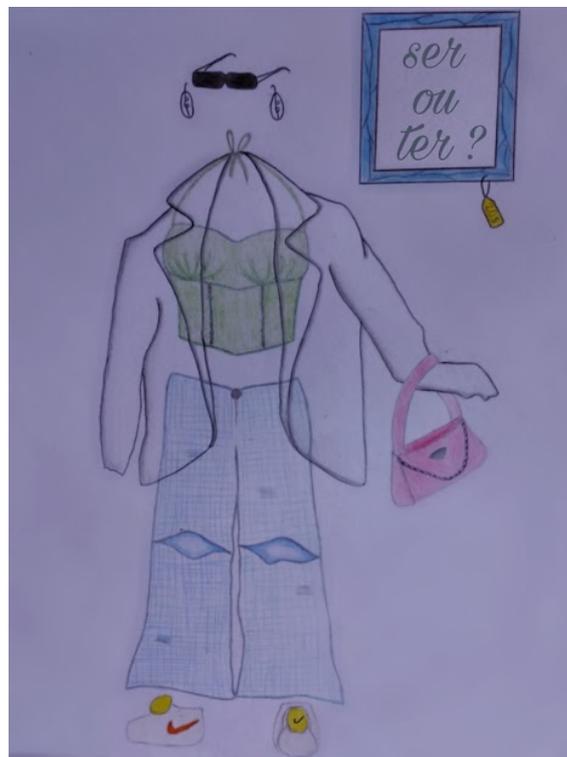
A união entre a Filosofia e a Literatura é com certeza uma via de mão dupla que incentiva a curiosidade e o entusiasmo dos alunos, ao permitir análises sobre inúmeros textos os quais reafirmam a condição multidisciplinar do ensino escolar. E foi a partir disso que, nós, alunos do Ensino Médio, tivemos a oportunidade de adentrar no mundo mágico formado no Café Filosófico do dia 15 de junho, conduzido por professores das áreas de Ciências Humanas e Linguagens.

“O ser X ter na sociedade contemporânea” foi pensado e guiado com o auxílio do texto “Carta a Meneceu/ Carta Sobre a Felicidade”, do filósofo grego Epicuro, o qual incentiva a busca por um prazer mediado, simples, necessário e que transmite sossego. Seguindo o caminho inverso do incitado pela sociedade midiática atual, o filósofo induz a um prazer que sai da linha do materialismo e faz-se efetivo com a serenidade do espírito humano. Esse desejo incessante por fama ou pelo “parecer” conflita com a essência pessoal e instiga a busca incessante por bens materiais, nos quais a felicidade aparente está depositada, mas que ao passar pela escassez dos mesmos, é aceito que toda satisfação investida ali, também deixou de ser real.

O poema “Mal Secreto”, de Raimundo Correia, desenvolve o pessimismo quanto à condição humana e o viver de aparências. Seria esse, ainda, o mal da nossa geração? A dualidade entre a essência e a aparência, na qual parecer admirável aos olhos dos outros, exibindo pertences, faz-se mais célebre do que externar virtudes e fragilidades. E seria esse o verdadeiro propósito da vida? Viver em função de vangloriar-se e buscar reconhecimento por aquilo que é tangível e finito? Seria a vida uma simples loteria de acúmulo de tudo aquilo que após a morte, se desfaz? Penso que, talvez, a vida seja estar em paz consigo, em paz com os outros, em busca de uma felicidade sem ensaios ou metas a longo prazo. Talvez, só talvez, a vida seja acostumar-se com o inevitável e essencial, com o que de mais simples o dia pode oferecer, com o que nos traz quietude e não nos coloca a mercê do pesar.

Há, aqui, uma inversão de valores, na qual a vaidade e avareza passam a ter destaque ao nomear os princípios humanos, com a apreciação de estereótipos por vezes inalcançáveis e que passam a incitar barreiras para a edificação de verdadeiras virtudes. Estar o tempo todo ligado a aquisição e a exteriorização, esvazia as relações e o íntimo, que por sua vez, passa a desejar cada vez mais o reconhecimento e o status, negando o caráter, a integridade e os equívocos. A ideia de sucesso foi invertida e a vida passou a significar uma delirante corrida pelo maior e melhor, apegando-se àquilo que é efêmero e calculado, desmembrando-se do âmago e das reais condições da existência. Mostrar-se sempre ativo às exigências sociais e ao consumismo desenfreado, com o propósito de “ter incessantemente mais”, reduz o ser a uma felicidade superficial e que está longe de sugerir uma vibração intensa e uma autêntica sensação de vitalidade.

“Às vezes a simplicidade e o silêncio dizem mais que a eloquência planejada”, assim diz o dramaturgo e poeta inglês, William Shakespeare, ao reafirmar a que a vida é sim a combinação de tudo aquilo que vem sem verificações ou interesses passageiros na busca por condecorações. Ser, acima de tudo, fiel a natureza e ao coração, mostrar-se real e vulnerável perante um mundo no qual se reverencia uma ficção impecável e inatingível, consolidada por patrimônios e moldes partilhados. Sigo ansiosa pelo próximo Café Filosófico e, ainda, em êxtase por apreender que há, sim, vida, prazer e alegria desapegada de tudo aquilo que só o dinheiro compra, sabendo que a genuína euforia vem íntima e ligada a tudo o que nos inspira e nos acolhe.



LUZ NO FIM DO TÚNEL

Por Vanessa Kiemi Ogata Nagassawa e
Melinda Machado Prestes

O Cerrado possui uma biodiversidade animal muito grande, porém vem perdendo diversas espécies por conta da destruição do ser humano. Tendo consciência dessa perda, o Distrito Federal ganhou, nesta quarta-feira (23/06), a primeira “patadestre” do Brasil.

A marcação é igual a uma faixa de pedestres, porém com patas de animais coloridas.

Essa sinalização foi instalada na via de acesso ao Condomínio Mansões Colorado, que fica em uma região do DF de grande importância ambiental, no interior da Área de Proteção Ambiental do Planalto Central e rodeada pela Reserva Biológica da Contagem. Na região, já foram registradas imagens de tamanduás, capivaras, lobos guarás, quatis, onças-pardas e várias outras espécies em risco de extinção.

No trecho da DF 220 que liga Brazlândia ao Balão do Colorado, somente neste ano, já morreram pelo menos oito animais de grande porte, vítimas de atropelamentos. O projeto-piloto faz parte do programa Prafauna, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), do Departamento de Estradas de Rodagem (DER) e da Administração Regional de Sobradinho II.

O objetivo é conscientizar as pessoas e diminuir os atropelamentos e acidentes na área. Desse modo, educamos o ser humano e não o animal. Com o aumento da população, o homem foi avançando nas áreas que fazem parte do habitat natural desses animais.

Afinal, não podemos deixar que mais animais sejam extintos pela ação do homem, daí a necessidade de se investir em educação e conscientizar as pessoas que é possível uma convivência harmoniosa entre o ser humano e os animais. Ações como essa, nos permitem ver uma luz no fim do túnel, e que daqui a alguns anos, os animais existentes hoje, possam ser encontrados na natureza, e que não sejam apenas parte de um acervo.

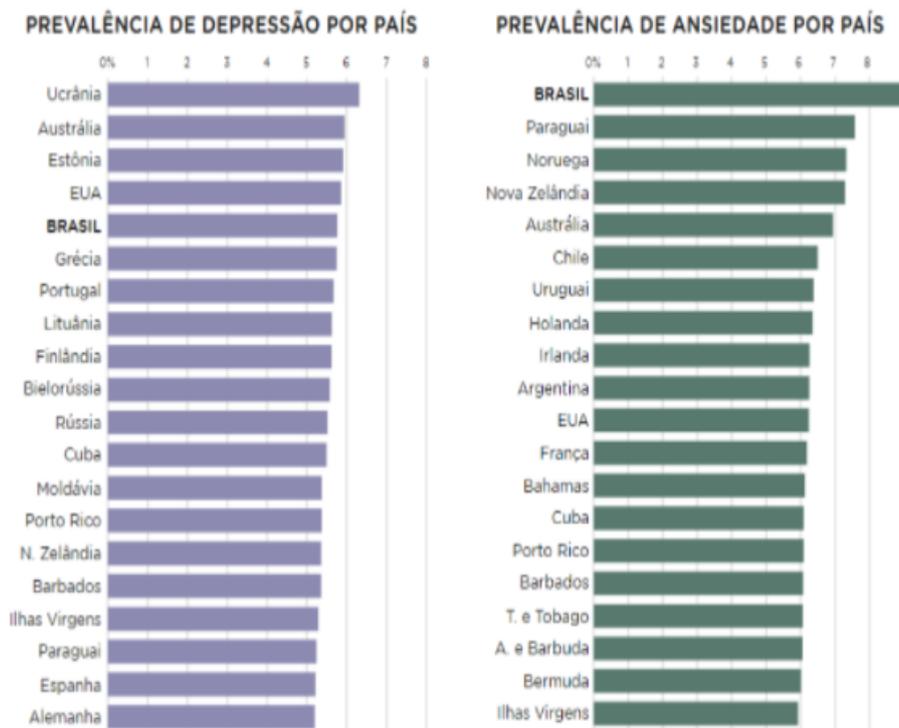


SAÚDE MENTAL E SUA LAMENTÁVEL AUSÊNCIA

"Isso é só falta de Deus", "É frescura". Essas e outras frases são as culpadas de levarem pessoas, ainda mais fundo, aos seus obscuros pensamentos.

Por Ana Katherine Soeiro, Maria Júlia Duarte,
Mariana Conti e Yasmin Lins

O Brasil é considerado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) o país mais ansioso do mundo e com maior prevalência de depressão na América Latina. E agora com esse cenário de pandemia, a comunidade médica se preocupa ainda mais com a situação dos brasileiros, conforme mostra o gráfico a seguir.



Fonte: www.institutoguimaraes.com.br/

As pessoas reagem de uma forma diferente ao fato de estarem confinadas em casa, algumas podem se comportar melhor do que outras, porém ninguém sai ileso, por isso muitas desenvolveram ou pioraram os problemas com a saúde mental. E para acentuar a situação de alguns, certos indivíduos desconfiam da péssima condição mental das pessoas que sofrem com isso.

Muitos pacientes não querem procurar assistência psiquiátrica para tratar doenças associadas a transtornos psicológicos, porque têm vergonha de se assumirem como pacientes da psiquiatria, pois, infelizmente, ainda é um "tabu" e é considerado como "coisa de doido" na sociedade onde vivemos.

Para suprir uma demanda alta e ajudar os brasileiros na compreensão desse momento tão intenso, vários profissionais de psicologia estão realizando acolhimentos virtuais. Iniciativas como a Escuta V 60+, Psicologia Viva e Telavita buscam a manutenção da saúde mental durante a pandemia.

Normalmente o comportamento da pessoa irá mudar e essas modificações são associadas a alguns distúrbios mentais, como a depressão, ansiedade, transtorno de bipolaridade, déficit de atenção, distúrbio do pânico, esquizofrenia ou hiperatividade. E muitas pessoas querem ajudar, porém, na maioria das vezes, não sabem como e ficam com medo de acabar piorando a situação, mas a principal coisa a se fazer é incentivar a pessoa a procurar ajuda médica e sempre ouvir o que ela tem a dizer, entretanto na hora de responder evite palavras insensíveis e comparações.

Além dos cuidados profissionais, existem pequenas ações no cotidiano que podem ajudar no processo de lidar com a pandemia e com o distanciamento social. Algumas dicas para iniciar uma rotina mais leve e de autocuidado:

- **Lembre-se de que você não está sozinho.** Todos estão na mesma situação. E, apesar disso, cada um encontra uma melhor forma de lidar com este momento. Não se compare com outras pessoas e tente encontrar o que mais funciona para você.
- **Este é um momento intenso e fora do comum.** É completamente normal se sentir triste, assustado e/ou menos produtivo que o habitual. A pandemia e o distanciamento social geram diversas emoções que são difíceis de lidar. Novos sentimentos são esperados. Não se cobre para estar bem 100% do tempo.
- **Observe suas demandas internas.** Abafar e ignorar sentimentos não é saudável. Tente colocar tudo o que está acontecendo no mundo em perspectiva e relacione ao que você está sentindo - estão interligados? Se colocar como parte do todo vai trazer autoconhecimento e facilitará encontrar o equilíbrio da situação.
- **Limite o tempo ligado nas notícias.** É importante estar informado, mas são muitos processos acontecendo ao mesmo tempo - e todos eles bastante intensos. Mudanças na rotina de trabalho, no relacionamento com amigos e família, dilemas políticos e financeiros em todo o mundo. Estipule quanto tempo do seu dia você pode se dedicar ao consumo de notícias e, se necessário, reduza. Não se esqueça de buscar fontes oficiais para evitar notícias falsas.

Portanto, lembre-se: Nunca julgue a dor do próximo, pois você jamais saberá o que realmente está acontecendo na vida dele.

TOUR: HAVANA

Por José Vítório Picoli Mendes Domingues

A maior cidade do caribe, fundada por espanhóis em 1512, conta com uma arquitetura que mistura o barroco, o modernismo, o art-déco e o neoclássico.

Havana é folclórica e incita narrativas, histórias e canções. A cidade encantou Ernest Hemingway, inundou as rádios com as canções do *Buena Vista Social Club*, marcou presença na trilogia da família Corleone, questionou temas importantes com o filme *Morango e Chocolate*, e se viu nos holofotes do mundo pop com Camila Cabello.



Capa do clássico álbum *Buena Vista Social Club* (1996)



Cena de chegada de Michael Corleone à Cuba (1974)



Cena do filme *Morango e Chocolate* (1993)

Em seus séculos de existência, Havana vivenciou momentos marcantes para a nação cubana na atualidade, desde os conflitos com os espanhóis e sua independência com ajuda americana, até a revolução cubana e o controle de Castro sobre a ilha.

A cidade foi um importante porto na era colonial, uma grande atração turística sobre a influência americana, e no governo de Fidel, viu um deterioramento de Havana Velha, cuja restauração segue em andamento até os dias de hoje.

Guerra de independência Cubana (1895 - 1898)



Fidel Castro, um dos principais personagens da Revolução Cubana

Governou o país até 2008.

LA HABANA, OU LA CIUDAD DE LAS COLUMNAS, COMO DITO NO ESPANHOL, CONTA COM TRÊS REGIÕES PRINCIPAIS:

A **Velha Havana**, conhecida por sua abundância cultural e histórica, traz consigo o que foi cidade durante os séculos 16 e 19, com arquitetura colonial espanhola e igrejas barrocas.



Por outro lado, há a área de **Vedado**, que se destaca por sua vida noturna e estilo urbano, construída durante o século 20 e muito frequentada por americanos antes de 1959.



Além das duas grandes áreas da cidade, há os subúrbios ascendentes da região, a maioria concentrada no bairro de **Marianao**.



O clima da capital cubana normalmente se mantém entre os 20 e 30 graus, e temperaturas abaixo de 10° são muito incomuns.

A presença de furacões, comum nas ilhas do pacífico, pouco afeta a cidade.

O VIAJANTE QUE DECIDIR SE AVENTURAR NA CAPITAL CUBANA VAI ENCONTRAR À SUA DISPOSIÇÃO DIVERSOS PONTOS TURÍSTICOS PARA OS MAIS VARIADOS INTERESSES:



Havana Velha, com seus restaurantes e seus museus.



A Plaza de La Catedral, primeira igreja católica de Cuba.



O Capitólio e o Gran Teatro de La Habana, situados na praça central.



A fábrica de Arte Cubana e o Museu de Belas Artes de Cuba, para os apreciadores do assunto



O Museu Hemingway, na casa onde o renomado escritor americano viveu por anos.

PLANTÃO GAZETA

Por **Guilherme Rabelo Martins**
e **Gabriela Gonçalves Avelar**

RADAR INTERNACIONAL



Os jogos Olímpicos de Tóquio, que foram adiados para 2021, estão cada vez mais próximos, para o ânimo dos brasileiros.

Como pode-se observar, são diversas modalidades, ficando impossível não ter o que assistir, A tabela está abaixo.

Recentemente, a empresa de ônibus Itapemirim iniciou sua jornada nos aeroportos brasileiros, e deverá voar internacionalmente em 2023.

"Nosso objetivo é 40% do mercado" afirmou Sidnei Piva, presidente do conglomerado.

Em função da volta do mercado internacional, Dólar, Euro e a criptomoeda Bitcoin sofrem baixa no mercado, e brasileiros aproveitam para lucrar com possíveis altas no futuro.

MODALIDADES OLÍMPICAS

O3 x 3 Basquete	Ciclismo de estrada	Remo	
Tiro com arco	Pista de ciclismo	Rúgbi	
Ginástica artística	Mergulho	Navegação	
Natação Artística	Equestre	Tiro	Levantamento de peso
Atletismo	Esgrima	Skate	Luta livre
Badminton (peteca)	Futebol americano	Escalada Esportiva	
Beisebol/Softball	Golfe	Surf	
Basquetebol	Handebol	Natação	
Vôlei de praia	Hóquei	Tênis de mesa	
Boxe	Judo	Taekwondo	
Canoaagem Slalom	Karatê	Tênis	
Canoaagem Velocidade	Maratona de natação	Ginástica Trampolim	
BMX Freestyle Cycling	Pentatlo moderno	Triatlo	
BMX Racing Cycling	Ginástica rítmica	Vôlei	
Ciclismo Mountain Bike	Ciclismo Mountain Bike	Pólo aquático	

ESCOLA EM CONFABULAÇÃO

No Sagrado, estão sendo produzidos vários eventos como a Gincana, que vai acontecer nos dias 7 e 9 de julho. As turmas dos 6º Anos à 3ª Série do Ensino Médio vão participar. Suas respectivas cores e temas são:



Lembrete: Na próxima edição, falaremos sobre os resultados e mais detalhes da Gincana 2021.

6º A - Aladin; preto

6º B - Bob Esponja Calça Quadrada; amarelo

6º C - Operação Big Hero; branco

7º A - Viva - A vida é uma festa!; roxo

7º B - Vingadores; rosa

8º A - Rei Leão; laranja

8º B - Cruella; cinza

8º C - Divertidamente; vermelho

9º A - Harry Potter (Sonserina); verde

1º - A Fantástica Fábrica de Chocolate; azul

2º - Tá dando onda; azul pantone

3º - Mulan; bordô

DICAS CULTURAIS

Por Laura Oliveira Magalhães

I. EVENTOS

- O CCBB Brasília retomou as visitas presenciais à exposição **Egito Antigo: do Cotidiano à Eternidade** e prorrogou a permanência da mostra no espaço até agosto. A mostra conta com a participação de personagens de deuses e faraós egípcios, como Anúbis, Cleópatra e Rá, que estarão no local todo final de semana até o fim da exposição. As informações para o agendamento da visita estão nas redes sociais do CCBB.



Imagem retirada da página oficial do CCBB Brasília no Instagram (www.instagram/ccbbbrasil)

- O Cine Drive-In permanece em funcionamento durante a pandemia. O ambiente, lugar aberto e acessível de carro, tomou todas as medidas de segurança necessárias para manter a distância adequada entre os carros e manter a experiência única de cinema ao ar livre. A programação dos filmes está disponível no site www.cinedrivein.com.



Imagem retirada da página oficial do Cine Drive-In no Instagram (www.instagram/cinedriveinoficial/)

II. FILMES PARA CURTIR



DIA DO SIM (2021)

Miguel Arteta

Classificação indicativa: *LIVRE*

Plataforma: Netflix



OXIGÊNIO (2021)

Alexandre Aja

Classificação indicativa: 14

Plataforma: Netflix



AMOR E MONSTROS (2020)

Michael Matthews

Classificação indicativa: 12

Plataforma: Netflix

OUTROS:

A FAMÍLIA MITCHELL E A REVOLTA DAS MÁQUINAS (2021)

Classificação indicativa: *LIVRE*

Plataforma: Netflix

MOXIE: QUANDO AS GAROTAS VÃO À LUTA (2021)

Classificação Indicativa: 16

Plataforma: Netflix

PIECES OF A WOMAN (2020)

Classificação indicativa: 16

Plataforma: Netflix

A MULHER NA JANELA (2021)

Classificação indicativa: 16

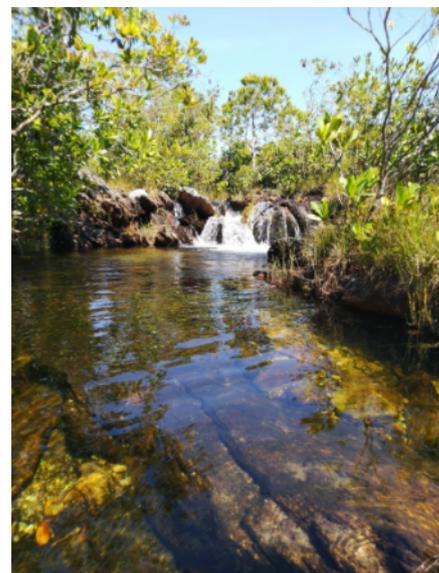
Plataforma: Netflix

CURIOSIDADES: CERRADO

Por Malu Weber Aragão

Você sabia que o Cerrado tem muitas nascentes?

Se duvida, conheça ou lembre-se da Chapada dos Veadeiros. A foto ao lado representa uma das várias cachoeiras que têm no Cerrado. São lugares lindíssimos, e são tanto que, na foto, nenhum filtro foi utilizado.



LAÇOS

Por Rosângela Costa
(Professora e Coordenadora de Língua Portuguesa)

É com muito orgulho que apresentamos a 1ª Edição Gazeta Sagrado 2021. Quanto aprendizado, quantos textos críticos, reflexivos e cheios de essência! Orgulho-me muito de cada um de vocês! Podemos fazer mais? Sempre! A nossa vida se constitui de uma ânsia de fazer mais, de contribuímos positivamente para uma sociedade mais solidária, respeitosa e crítica. Parabéns a todos os integrantes do Jornal Gazeta Sagrado e àqueles que contribuíram para que essa nossa edição fosse um sucesso!

DICA LITERÁRIA:

Pequeno tratado das grandes virtudes, de André Comte-Sponville

Sinopse: O objeto deste livro são as virtudes. Sem a pretensão de evocar todas elas, tampouco de esgotar uma em particular, o autor indica neste pequeno tratado, dirigido mais ao grande público que aos filósofos profissionais, as que julga mais importantes, o que são, ou o que deveriam ser, e o que as torna sempre necessárias e sempre difíceis.



COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. WMF Martins Fontes. 3ª edição, 2016.

EQUIPE

SAGRADO – BRASÍLIA



Alexandre Magnani Mota - 3ª Série/EM-Editor-chefe

Ana Clara Almeida Rodrigues - 3ª Série/EM- Editora- Chefe

Lara Guimarães Reis - 3ª Série/EM- Ilustradora

Maria Clara Tamashiro Bego - 2ª Série/EM- Colunista

José Vitorio Pícoli Mendes Domingues -1ª Série/EM – Redator

Laura Oliveira Magalhães- 1ª Série/EM – Fotógrafa

Nathália Almeida Bechara Pardaulil - 1ª Série/EM- Colunista

Ágatha Arentz - 9º Ano/EFII – Fotógrafa

Vanessa Kiemi Ogata Nagasawa - 8º Ano/EFII – Fotógrafa

Ana Katherine Soeiro - 8º/EFII - Repórter

Maria Júlia Duarte - 8º/EFII - Repórter

Mariana Conti - 8º/EFII - Réporter

Yasmin Lins - 8º/EFII - Repórter

Guilherme Rabelo Martins - 7º Ano/EFII – Redator

Maria Clara Santos de Oliveira - 7º Ano/EFII – Chargista

Melinda Machado Prestes - 7º Ano/EFII – Colunista

Gabriela Gonçalves Avelar - 6º Ano/EFII – Repórter

Malu Weber Aragão - 6º Ano/EFII – Fotógrafa

PROFESSORA – COLABORADORA
ROSÂNGELA COSTA

COORDENADORA PEDAGÓGICA DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS E ENSINO MÉDIO
VALDIRENE MORAIS

IMAGENS DA CAPA E DEMAIS IMAGENS NÃO AUTORAIS

Tu y Yo, 1923 - Do pintor Xul Solar

Manifestación, 1934 - Do pintor Antonio Berni

Obra de Quiquerela Martin

Internet: <<https://www.google.com/search?q=google+imagens>>